



dinamia
'cet _iscte



CATÓLICA
CEHR - CENTRO DE ESTUDOS
DE HISTÓRIA RELIGIOSA

CHAIA
CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA

ARCHITECTURES OF THE SOUL

Diachronic and Multidisciplinary Readings

Rolando Volzone
João Luís Fontes, eds.



ARCHITECTURES
OF THE SOUL.
DIACHRONIC AND
MULTIDISCIPLINARY
READINGS

Editors

ROLANDO VOLZONE
JOÃO LUÍS FONTES

Lisbon 2022

Selected papers presented to the 3rd International Seminar “Architectures of the Soul”, promoted by IEM (NOVA FCSH), DINÂMIA’CET – Iscte (ISCTE-IUL), CHAIA-UÉ and UCP-CEHR; coordinated by Rolando Volzone and João Luís Fontes (e-Seminar, 24-25 September 2020).

Peer review

Alexandra Curvelo, Ana Brandão, Ana Cantante Pinto, Ana Isabel Buescu, Ana Paiva Morais, Ana Paula Figueiredo, Ana Tomé, Anna Guarducci, António Camões Gouveia, Aurora Carapinha, Bernardo Miranda, Conceição Trigueiros, Federico Cioli, Francesco Salvestrini, Francisco Pato de Macedo, Francisco Teixeira, Giovanni Minutoli, Giovanni Pancani, Giorgio Verdiani, Giulia de Lucia, Maria Filomena Andrade, Maria Rosaria Marchionibus, Miguel Alarcão, Olimpia Niglio, Paula André, Paula Simões, João Estêvão, Sebastiano Raimondo, João Alves da Cunha, João Luís Fontes, João Luís Marques, Luís Ferro, Pedro Redol, Rolando Volzone, Rui Lobo, Saul António Gomes, Stefania Stellacci, Stefano Bertocci, Tiago Antunes, Tiago Pires Marques.

The Instituto de Estudos Medievais of the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) is financed by the Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

E-book financed by national funds through the Fundação para a Ciência e a Tecnologia, under the Projects UID/HIS/00749/2013 and UIDB/00749/2020.

Title	Architectures of the Soul. Diachronic and multidisciplinary readings
Editors	Rolando Volzone João Luís Fontes
Edition	IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH); DINÂMIA’CET – Iscte (ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa) Centro de Estudos de História Religiosa (UCP-CEHR); Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA-UÉvora)
Cover	The convent and fortress of Santa Maria da Ínsua. Aerial picture by drone, ©Pietro Becherini, 2021
Collection	Estudos 29
ISBN	IEM – NOVA FCSH: 978-989-53585-2-6 DINÂMIA’CET – Iscte ISCTE-IUL: 978-989-781-622-2 UCP-CEHR: 978-989-53287-7-2 CHAIA-UÉvora: 978-972-778-265-9
Layout and execution	Ana Pacheco
Format	Digital

Contents

Introduction	9
<i>Rolando Volzone</i>	
<i>João Luís Fontes</i>	
PART I	
<i>History of Eremitical/Monastic Life</i>	13
Poverty, Penance and Solitude:	
from the first Franciscan foundations to late-medieval observance	15
<i>João Luís Inglês Fontes, Maria Filomena Andrade</i>	
A cela monástica à luz da hagiografia e da biografia devota em Portugal	
(séculos XVI-XVIII): práticas e contextos	35
<i>Paula Almeida Mendes</i>	
Between seclusion and business:	
the abbot's lodgings in the monastery of Alcobaça in medieval times	49
<i>Paulo Catarino Lopes, Mário Farelo</i>	
Spaces of Seclusion and Liturgy;	
the Cistercian nunnery of Lorvão – a view from two sixteenth-century liturgical codices	69
<i>Catarina Fernandes Barreira</i>	
PART II	
<i>Landscapes of the Soul</i>	85
Mapeando el paisaje espiritual: documentación, arqueología y territorio en	
el estudio de los monasterios ibéricos	87
<i>Maria Soler Sala</i>	
Meditare per predicare: l'architettura cappuccina di Puglia tra dinamiche insediative	
e pratiche di vita comunitaria	103
<i>Rossella de Cadilhac, Maria Antonietta Catella</i>	
A alma, o “deserto” e a cidade: migrações franciscanas	
entre paisagens de Portugal e Brasil	123
<i>Maria Angélica da Silva, Vitor Teixeira</i>	
Costruire con il Paesaggio: le architetture eremitiche in Costiera Amalfitana. Specificità e	
problemi di conservazione	147
<i>Federica Comes</i>	
PART III	
<i>The Materiality of Eremitical/Monastic Experiences</i>	163
Un sistema complesso per i luoghi dello spirito: I sacri monti in Europa	165
<i>Anna Marotta, Rossana Netti</i>	

Askeladden abodes: the sacred in the architectures of Norwegian folk tales	183
<i>Andréa Caselli Gomes</i>	
The Benedictines in Rome and their influence on the design of Trastevere district	199
<i>Maria Grazia Turco</i>	
Da devoção xaveriana da rainha D. Maria Sofia à concretização de um voto: o colégio de São Francisco Xavier de Beja da Companhia de Jesus	215
<i>Inês Gato de Pinho</i>	
A natureza como lugar franciscano de solidão e intimidade religiosa: o papel das cercas nos conventos históricos de Lima, Peru e Salvador, Brasil, através da cartografia	245
<i>Katherine Edith Quevedo Arestegui, Maria Angélica da Silva</i>	

PART IV

<i>Solitude and Contemporary Readings</i>	265
La permanenza dell'approccio topologico nelle chiese isolate della Toscana.	
Il caso di Giovanni Michelucci	267
<i>Andrea Crudeli</i>	
Apreciações corbusianas na Igreja de Santa Joana Princesa e na obra de Luiz Cunha	287
<i>Ana Rita Pereira, Francisco Teixeira Alves</i>	
Arquitectura Monástica Moderna: guião de projecto. Os estudos preparatórios de Nuno Teotónio Pereira para o projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar	305
<i>Hugo Casanova</i>	
Luce e verità. La fotografia di architettura e gli edifici monastici.	
Le Corbusier, Le Thoronet, La Tourette	327
<i>Nicolò Sardo</i>	

PART V

<i>Digital documentation of religious heritage</i>	345
The stratification of materials as documentation of past restorations: first studies on architectural surfaces in the Cloister of Fathers of the Charterhouse of Pisa	
<i>Giovanni Bruschi, Monica Naretto, Stefania Landi, Chiara Gallorini, Marco Bevilacqua</i>	
Digital survey for the valorization and conservation of the Church of St. Mary in Leusë (Përmet – AL)	
<i>Monica Bercigli, Joana Lamaj, Elisa Miho</i>	
La Verna. 3D Survey and documentation project of the Hermitage	379
<i>Sandro Parrinello, Raffaella De Marco</i>	
Integrated 3D survey of the first Franciscan Observance settlement in Portugal.	
The convent of Santa Maria de Mosteiró in Valença (Alto Minho, North of Portugal)	401
<i>Rolando Volzone, Roberta Ferretti</i>	
Digital survey and documentation of two Franciscan convents in Umbria, Italy	421
<i>Stefano Bertocci</i>	

A cela monástica à luz da hagiografia e da biografia devota em Portugal (séculos XVI-XVIII): práticas e contextos

Paula Almeida Mendes¹

Resumo

Na moldura monástica e conventual, a cela, enquanto espaço de recolhimento e de «clausura», ocupa um lugar central. Esquece-se, por vezes, que este «espaço privado» poder-se-á revestir de uma importância e de significados de várias naturezas que poderão escapar à «lente da contemporaneidade». Tendo como pano de fundo esta problemática, este estudo procura chamar a atenção para a cela monástica enquanto espaço central na moldura da espiritualidade, em Portugal, durante a Época Moderna. Partindo da análise de textos que se inscrevem no filão da literatura hagiográfica e biográfica devota, tentaremos destacar os objetos e ornamentos que se encontravam nas celas, assim como procuraremos realçar as várias e diversas funcionalidades que estes espaços assumem, como palcos de penitências, mortificações ou experiências de natureza mística.

Palavras-chave

Cela; Mosteiros; Conventos; Espiritualidade; Época Moderna.

¹ Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – Faculdade de Letras da Universidade do Porto (CITCEM-FLUP). Email: paula_almeida@sapo.pt. ORCID: 0000-0002-5748-635.

Abstract

In the monastic and conventual frame, the cell, as a space for gathering and “closure”, occupies a central place. It is forgotten, sometimes, that this “private space” may take on an importance and meanings of various nature, which may escape the “lens of contemporaneity”. With this problem as a backdrop, this study seeks to draw attention to the monastic cell as a central space in the frame of spirituality in Portugal, during the Modern Age. Starting from the analysis of texts, which are inscribed in the vein of hagiographic and sacred biographical literature, we will try to highlight the objects and ornaments that were in the cells, as well as we will try to highlight the various and diverse features that these spaces assume, such as stages of penitence, mortifications or experiences of a mystical nature.

Keywords

Cell; Monasteries; Convents; Spirituality; Modern Age.

1. Pensar a espiritualidade nos tempos pós-Trento implica equacionar dimensões de natureza muito diversa, de molde a que se compreenda melhor não apenas como as práticas e representações nutriram a pastoral e o imaginário religioso da época, mas também como a literatura e a historiografia as valorizaram, assim como às suas manifestações, como referente na moldura da vida religiosa e espiritual desse período. É preciso não perder de vista que as práticas, as representações e a pastoral desses tempos resultavam e se encontravam na confluência das encruzilhadas que marcaram a moldura das reformas, acentuadas nos finais da Idade Média², e da Reforma protestante³ que, fraturando a cristandade europeia, acentuou irremediavelmente as clivagens entre as manifestações de práticas e de cultos. Assim sendo, inscreviam-se, naturalmente, em uma moldura também mais ampla e complexa, porque não poderá, naturalmente, ser dissociada do contexto da Contrarreforma que, investindo em uma estratégia que visava o disciplinamento

² DIAS, José Sebastião da Silva – *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Vol. I. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, pp. 1-66; RAPP, Francis – *L'Église et la vie religieuse en Occident à la fin du Moyen Âge*. Paris: PUF, 1971; CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Antes de Lutero: a Igreja e as Reformas Religiosas em Portugal no século XV. Anseios e Limites*, Porto: CITCEM/Edições Afrontamento, 2016.

³ COTTRET, Bernard – *Histoire de la Réforme protestante*. Éditions Perrin, 2010.

de todas as esferas da sociedade⁴ – que havia já tido início com a reorganização do culto dos santos, que se traduziu na criação da Congregação dos Ritos Sacros e das Cerimónias, em 1588, e se refletiu também no âmbito dos processos de beatificação e de canonização, na sequência dos decretos de Urbano VIII, de 1625 e 1634, que passou, necessariamente, por um maior controlo e vigilância em seu torno – estimulou a proliferação de «Vidas» de santos, beatos, veneráveis e varões e mulheres «ilustres em virtude»⁵, emulados como modelos e pautas comportamentais, propostos à imitação, assim como de um amplo e significativo filão literário, de pendor exemplar e normativo, constituído por «artes de vida», manuais de oração, «espelhos» de perfeição cristã, guias, etc., que, a par da iconografia e da estatuária, foram alimentando gostos e práticas fortemente escorados nas dimensões dos afetos e no apelo aos sentidos e à sensibilidade, largamente amplificados ao longo do Barroco.

Apesar dos importantes contributos que têm permitido repensar problemas e colmatar lacunas, não deixa de se constatar que há ainda um longo percurso de investigação a percorrer e construir, no sentido de conhecer e compreender, no seu devido contexto, os espaços, as instituições e as figuras em torno dos quais se polarizam as práticas religiosas e espirituais que foram sendo alimentadas ao longo da Época Moderna⁶. Uma dessas dimensões tem, justamente, a ver com os espaços e os lugares em que se desenvolve e concretiza a vida espiritual do cristão – não apenas dos religiosos, clérigos ou prelados, mas também dos leigos –, declinada nas suas práticas espirituais e devotas, configurando um itinerário vivencial que almejava atingir a perfeição cristã.

É bem sabido como a *Devotio moderna*⁷ – e ainda que tendo presente a problemática que acarreta este conceito –, surgida na segunda metade do século XIV,

⁴ CAFFIERO, Marina – “Tra modelli di disciplinamento e autonomia suggestiva”. In BARONE, Giulia; CAFFIERO, Marina; BARCELLONA, Francesco Scorza (eds.) – *Modelli di santità e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994, pp. 265-278; KNOX, Dilwyn – “Disciplina: le origini monastiche e clericali del buon comportamento nell’Europa cattolica del Cinquecento e del primo Seicento”. In PRODI, Paolo (ed.) – *Disciplina dell’anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra medioevo ed età moderna*. Bologna: Società editrice Il Mulino, 1994, pp. 69-99.

⁵ FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – “Espiritualidade (Época Moderna)”. In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 187-193; SANTOS, Zulmira C. – Literatura religiosa (Época Moderna). In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. III. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 125-130; SANTOS, Zulmira C. – “Hagiografia. A prosa religiosa e mística nos séculos XVII-XVIII”. In *História da Literatura Portuguesa: Da Época Barroca ao Pré-Romantismo*. Vol. 3. Lisboa: Alfa, 2002, pp. 165-169; SANTOS, Zulmira C. – “Fonti e ricerche per la storia della santità in Portogallo nel Seicento”. *Sanctorum*, 10 (2013), pp. 143-158; MENDES, Paula Almeida – *Paradigmas de Papel: a edição de «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017.

⁶ FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – Da reforma da Igreja à reforma dos cristãos: reformas, pastoral e espiritualidade. In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 15-38.

⁷ POST, R. R. – *The Modern Devotion. Confrontation with Reformation and Humanism*. Leiden: E. J. Brill, 1968.

se revelou não isenta de implicações na moldura da espiritualidade⁸. Com efeito, a busca de uma relação mais afetiva com Deus e de vias de comunicação mais «eficazes» com o Divino assumirá, na sua esteira, uma ampla variedade de representações e modalidades que foram, sobretudo, propondo métodos para ajudar a orar fora do espaço da liturgia e do ofício divino, mas que foram estimulando também práticas espirituais de vária natureza.

No caso dos leigos, é bem sabido como a oração, a meditação e a devoção se foram configurando, sobretudo a partir da Idade Média, como pedra angulares da espiritualidade – sobretudo feminina⁹ –, tendo sido «disciplinadas» através de obras de pendor espiritual e devoto. Neste sentido, alguns destes textos insistiram na valorização de espaços destinados à meditação e oração ou à leitura de obras de natureza religiosa ou espiritual, privilegiando lugares retirados ou isolados em ambiência doméstica, como o oratório privado¹⁰, que, revestindo-se de múltiplas características e funcionalidades, se vai configurando como um elemento comum nas casas nobres, como já realçou José Adriano de Freitas Carvalho, ainda que não invalidando a importância que outros locais assumiam neste enquadramento, de que são exemplo as igrejas, capelas ou ermidas, ou até mesmo a atividade profissional, como recentemente propôs Philippe Martin¹¹.

Na dimensão enformada pelos espaços que se revestem de importância e de significados vários, do ponto de vista espiritual, os mosteiros e conventos assumem, no contexto da vida consagrada, nos tempos pós-Trento, uma centralidade inegável. É bem sabido como São Bernardo defendia a ideia do claustro enquanto «oficina das virtudes», na medida em que este se configurava como um espaço privilegiado para o *contemptus mundi* e para um itinerário de vida cristã pautado por uma dimensão ascética, fortemente escorada na prática da oração. De resto, a questão relacionada com o espaço seria equacionada pelas várias ordens religiosas. Neste sentido, José Adriano de Freitas Carvalho realçou já como a «concepção das casas e igrejas franciscanas nos diversos projectos de ubiquação dos primeiros oratórios e conventos dos observantes portugueses» foi significativamente associada à eleição do lugar, declinando «rudimentares arquitecturas e paisagens»¹². Em todo o caso,

⁸ Para o caso português, DIAS, José Sebastião da Silva – *Correntes de sentimento*; BELCHIOR, Maria de Lourdes e CARVALHO, José Adriano de Freitas – “Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa”. In *Antologia de Espirituais Portugueses*. IN-CM, 1994, pp. 11-23.

⁹ RUCQUOI, Adeline – «Lieux de spiritualité féminine en Castille au XVe siècle». *Via Spiritus*, 7 (2000), pp. 7-29.

¹⁰ Veja-se a obra de MALDONADO, Fr. Pedro (O.S.A.) – *Traça y Exercicios de un Oratorio*. Lisboa: en la Oficina de Iorge Rodrigues, 1609. Cf. também CARVALHO, José Adriano de Freitas – “Um espaço de oração na Época Moderna. O oratório particular: os usos. E também os abusos?”. *Via Spiritus*, 7 (2000), pp. 145-162.

¹¹ MARTIN, Philippe – «La boutique: un lieu de devotion dans la seconde moitié du XVII^e siècle?». In BURKARDT, Albrecht (dir.) – *L'Économie des dévotions. Commerce, croyances et objets de piété à l'époque moderne*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2016, pp. 375-390.

¹² CARVALHO, José Adriano de Freitas – “... *Domos pauperulas, cellulas et ecclesias parvulas*: as fidelidades dos primeiros observantes em Portugal (1392-1453) a Francisco «Arquitecto» olhadas ao espelho dourado do

este enquadramento formado pela importância dos lugares e dos espaços no domínio da espiritualidade implicará, naturalmente, considerar a crescente multiplicação de eremitérios ou «desertos espirituais»¹³.

Na moldura monástica e conventual, a cela, enquanto espaço de recolhimento e «clausura», ocupa um lugar central. Esquece-se, por vezes, que este «espaço privado» poder-se-á revestir de uma importância e de significados de vária natureza que poderão escapar à «lente da contemporaneidade». Neste sentido, as funcionalidades que este espaço pode assumir refletem, de resto, o lastro da herança da *Devotio moderna*, sobretudo no que diz respeito à cristalização de práticas espirituais e devotas de matriz intimista, almejando a busca de múltiplas formas de estabelecimento de uma relação mais afetiva e «próxima» com Deus. Deste modo, a cela configura-se como uma espécie de «micro Cidade de Deus», declinando um quadro que se tornará talvez mais sintomático se não se perder de vista que, sobretudo a partir do século XVII, se assistiu à valorização de práticas espirituais que se declinassem em espaços fora da «esfera pública».

Em todo o caso, não será despidendo lembrar que algumas fontes modernas revisitam casos «corporizados» por figuras medievais em que a cela monástica assume um lugar de incontestável destaque: disso é exemplo a *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho. II Parte* (1668) de D. Nicolau de Santa Maria, que revisita o caso de D. Gonçalo Mendes, prior do mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa. Antes de ser prior, este religioso viveu durante vinte anos na quietação da sua cela: «não sahia fóra da cella mais que pera as Cômunidades, pera dizer Missa, ou pera exercitar algũa obra de charidade pera com os próximos, & Irmãos Religiosos, dos quaes sendo por isto notado, lhes respondia com aquella sentença de São Bernardo: *Coeli & cella habitatio cognata est*. O Ceo, & a cella tem grande parentesco, & grande semelhança, não só no nome, senão na substancia, porque o que se faz no Ceo, isso mesmo se faz na Cella, que he: *Vacare Deo, & frui Deo*, contemplar, & gozar de Deos. *E esta he a felicidade*, dizia, *que tem os Religiosos em suas cellas, das quaes sobir ao Ceo he jornada extraordinária, & estrada franca, & cair no inferno he cousa rara*»¹⁴.

século XVII". *Via Spiritus*, 23 (2016), pp. 7-31, esp. pp. 9-14; PACHECO, Ana Assis – "Eremitérios e claustros, lugares próprios ao recolhimento religioso". In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (coords.) – *Gênero e Interioridade na vida religiosa. Conceitos, contextos e práticas*. Lisboa: CEHR/UCP, 2017, pp. 97-120; BORGES, Nelson Correia – "Arquitectura de Cister na Época Moderna. O claustro: força centrípeta nos espaços da vida comunitária". In *As Beiras e a presença de Cister. Espaço, Património edificado, Espiritualidade. 1º Encontro Cultural S. Cristóvão de Lafões*. S. Cristóvão de Lafões: Sociedade do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 2006, pp. 63-72.

¹³ CARVALHO, José Adriano de Freitas – "Eremitismo em Portugal na Época Moderna: homens e imagens". *Via Spiritus*, 9 (2002), pp. 83-145; BORGES, Célia Maia – "Os Eremitas e o Ideal de Santidade no Imaginário Português: o Deserto dos Carmelitas Descalços no séc. XVII". *Lusitania Sacra*, 23 (Janeiro-Junho 2011), pp. 189-206.

¹⁴ SANTA MARIA, Fr. Nicolau de – *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha Santo Agostinho. II Parte*. Lisboa: por João da Costa, 1668, p. 137.

Tendo como pano de fundo esta problemática, procuraremos chamar a atenção para a cela monástica enquanto espaço central na moldura da espiritualidade, em Portugal, durante a Época Moderna. Partindo da análise de textos que se inscrevem no filão da literatura hagiográfica e biográfica devota, tentaremos destacar os objetos e ornamentos que se encontravam nas celas, assim como procuraremos realçar as várias e diversas funcionalidades que estes espaços assumem, como palcos de penitências, mortificações ou experiências de natureza ascética ou mística.

2. Vários autores investem significativamente na descrição do aparato da cela, encenando uma estratégia que visava emular a virtude heroica da pobreza «corporizada» pelos religiosos. É bem sabido como, na moldura da perção e da construção da *fama sanctitatis*, sobretudo a partir dos tempos pós-Trento, a virtude da pobreza assume uma centralidade inequívoca, na medida em que o seu exercício aproximava esses cristãos excepcionais do modelo de Cristo.

A título de exemplo, evoquemos a descrição que Fr. Luís de Sousa traça, na *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires* (1619), a propósito da cela do religioso dominicano, no convento de Santa Cruz de Viana do Castelo: «ũa estreita cela, as paredes nuas, em mesa sem pano, um candieiro de ferro pendurado de um prego; ãa cama de frade ordinário, sem cortina nem género de paramento, sobre ãa tábua de pinho (que tábua pera salvar de grandes naufrágios!). Ali um arcebispo lançado, que tão celebrado e tão estimado foi no mundo, agonizando em cruelíssimas dores, e do martírio tornado um bichinho»¹⁵. A visão desta cela paupérrima não deixou de causar um significativo impacto na perção de D. Agostinho de Jesus (de Castro), que sucedeu a D. João Afonso de Meneses na mitra da arquidiocese de Braga, quando este visitou o religioso dominicano, estando já este doente: com efeito, é preciso não perder de vista que D. Fr. Bartolomeu dos Mártires havia sido um alto dignitário da Igreja, facto que, naturalmente, justificaria uma condição económico-social adequada ao seu estado. No entanto, este prelado «ilustríssimo em virtude» vivia como se fosse de condição inferior, «corporizando» em um grau heroico a virtude da pobreza.

Fr. Luís de Sousa conta-nos também, na sua *História de São Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal* («Primeira Parte», 1623), que quando a madre soror Brites da Paixão, religiosa no mosteiro de Chelas, faleceu, em 1603,

¹⁵ Utilizámos a seguinte edição: SOUSA, Fr. Luís de – *A Vida de D. Frei Bertholameu dos Mártires*. Introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro. Lisboa: IN-CM, 1984, p. 586.

«não se lhe achou na cella mais que uma pobre Cruz de pau», pese embora o facto de possuir «com licença huma tença grossa»¹⁶.

Por sua vez, Fr. José Pereira de Santana narra, no primeiro tomo da *Chronica dos Carmelitas da antiga, e regular observância nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios* (1745), que na «pobre cela» de Fr. Paulo de Jesus (†1399), religioso no convento de Moura, «não havia mais que as duas amadas companheiras, como ele as intitulava, “uma fermosa, a outra horrenda”. Eram uma cruz de pau e uma descarnada caveira, na qual sempre empregava os olhos, a fim de não apartar da morte a necessária consideração»¹⁷. Não deixa de ser sintomático que, nesta descrição, que almeja destacar a excecionalidade da pobreza da cela de Fr. Paulo de Jesus, contribuindo, deste modo, para a construção de um retrato «hagiografizante» deste religioso, o cronista convoque um atributo, a saber, a caveira, que acompanhava a representação iconográfica de São Bruno e de São Francisco de Assis.

A propósito de Fr. António da Conceição, religioso arrábido, conta-nos o seu biógrafo que «na sua cella resplandecia notavelmente a santa pobreza, nunca admittio cama, nem travesseiro; pois este eram hum degráo de páo, e aquella huma cortiça, e somente tinha huma manta, com que se cobria, mas taõ velha, que pelos muitos remendos necessitava de se examinar, para se conhecer o panno, de que fora feita. Em huma ocasião reparando o Prelado nella, por compaixão lhe mandou dar hum cobertor, que por obediência aceitou. O mais que tinha na cella era hum Crucifixo á cabeceira, e huma estampa de Nossa Senhora, de quem sempre foy devotíssimo, como também alguns livros da Comunidade, para ler o que lhe era necessário, e huma cáveira»¹⁸.

De acordo com as fontes respigadas, alguns religiosos meditavam sobre a morte na cela: lembremos, a título de exemplo, o caso de soror Isabel da Cunha, religiosa agostiniana no convento de Santa Mónica de Évora, que «tinha na cabeceira hũa Cáveira, em cujos olhos mettia os dedos, quando meditaua na morte»¹⁹.

Fr. Luís de Sousa, na «Primeira Parte» da *História de São Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, traça também uma descrição a propósito da cela da madre soror Filipa do Espírito Santo (†1617), religiosa no mosteiro de Chelas: «Era novo género de tormento a cela em que a recolheram: porque dela a uma sepultura havia pouca diferença. Tinha em comprimento pouco mais de doze palmos e sete de

¹⁶ Seguimos a seguinte edição: SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Vol. I. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1977, p. 131.

¹⁷ SANTANA, Fr. José Pereira de – *Chronica dos Carmelitas da antiga, e regular observancia nestes Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Tomo I. Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedroso Galrão, 1745, p. 229.

¹⁸ *Breve compendio da vida e açoens virtuosas do veneravel servo de Deos Fr. Antonio da Conceição, vulgarmente chamado Frei António do Lumiar, religioso da santa província da Arrábida*. Lisboa: na Officina de Francisco Borges de Sousa, 1758, pp. 33-34.

¹⁹ CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres do Reyno de Portugal e suas conquistas*. Tomo III. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1666, pp. 652-653.

largo: o sítio debaixo de uma escada; a luz tão alongada. Que quase sempre era noite nela. Neste purgatório aturou oito anos e meio, sem nunca se queixar nem deixar de rezar o officio divino, ajuntando ás quintas feiras o do sacramento...»²⁰. Deste modo, esta religiosa «corporizava» um modelo que se pautava pela emulação de um ascetismo extremo, declinando, assim, um exemplo em que se destacam renovadas formas de martírio, para utilizarmos a expressão de Jacques Le Brun²¹. E, nesse sentido, em uma época em que tanto se valorizou a «herocidade de virtudes», estes comportamentos eram perçecionados pelos coevos como um indício que, em larga medida, atestava a excecionalidade e a *fama sanctitatis* daqueles religiosos.

Um outro exemplo poderá ser respigado no segundo volume das *Memorias Historicas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos, e Escritores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo* (1724) de Fr. Manuel de Sá. Deste modo, conta-nos aquele autor que, vendo D. João IV quão pobre era a cela de Fr. Manuel Cardoso, carmelita do convento de Lisboa, «disse ao marquês de Ferreira: “Não tem aqui Fr. Manuel coisa que se possa furtar”»²².

De igual modo, Fr. António Correia, na *Fama posthuma do Veneravel Padre Fr. Antonio da Conceição, religioso da Ordem da Santissima Trindade Redenção de Cattivos da Provincia de Portugal* (1658), elogia a pobreza e humildade daquele religioso trinitário, relatando que a sua cela era pobre e sem ornato, tendo aquele apenas os livros de sua devoção e «hum Manicordio, a que mui summissamête cantava, no breve espaço de seu alivio, ao Minino Jesus, & a Virgẽ Santissima endexas Sanctas»²³.

A descrição do aparato das celas de alguns religiosos permite-nos também auscultar cultos e devoções. A título de exemplo, lembremos as palavras de Fr. Luís de Sousa, na «Segunda Parte» da *História de São Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, a propósito do Padre Fr. Tomás da Costa, religioso dominicano no convento de Nossa Senhora da Serra em Almeirim, que foi muito estimado por D. João III e pela corte: «Tinha na cela uma estátua de estranho feitio, rosto seco como uma caveira, cabelo crespo e descomposto, o corpo meio coberto, ao parecer de um couro cru, pernas e braços nus, e como de uma notomia, que se lhe contavam os ossos, veias, músculos e toda envolta em cadeias. Reparou el-rei nela, e

²⁰ SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*, vol. I, p. 133.

²¹ LE BRUN, Jacques – «Mutations de la notion de martyre au XVII^e siècle d’après les biographies spirituelles féminines». In MARX, Jacques (ed.) – *Sainteté et martyre dans les religions du livre*. Bruxelles: Éditions de l’Université de Bruxelles, 1989, pp. 77-90.

²² SÁ, Fr. Manuel de – *Memorias Historicas dos Illustrissimos Arcebispos, Bispos, e Escritores Portuguezes da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*. Vol. 2. Lisboa Oriental: na Officina Ferreyriana, 1724, p. 365.

²³ CORREIA, Fr. António – *Fama posthuma do Veneravel Padre Fr. Antonio da Conceição, religioso da Ordem da Santissima Trindade Redenção de Cattivos da Provincia de Portugal*. Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira, 1658, p. 53.

perguntou que coisa era. Respondeu com o seu brio: «Senhor, é o Batista *in vinculis* por falar verdade»²⁴.

A devoção por São João Batista parece também ter sido, a avaliar pelas palavras do cronista dominicano, nutrida pela madre soror Maria de Jesus (†1585), religiosa no mosteiro da Anunciada de Lisboa: «Na pobreza da cela imitava bem o seu Batista, porque não só não havia nela coisa de aparato, mas, o que muito espanta, nem uma esteira teve nunca para se sentar. Todas as suas alfaias se resolviam em um pedaço de tábua, ou cortiça, que lhe servia de estrado, cama pobríssima, um pequeno retábulo de Nossa Senhora pendurado; dois ou três livros espirituais sobre um escabelo»²⁵.

A devoção à Paixão de Cristo, concretizada através de múltiplas práticas, como a via-sacra, assume uma centralidade inequívoca na moldura da espiritualidade nos tempos pós-Trento. É bem sabido como a espiritualidade franciscana, assim como o destaque que, no plano espiritual, entre o final do século XIII e o início do século XIV, conheceram místicas como Gertrudes de Helfta, Margarida de Cortona ou Clara de Montefalco, muito contribuíram para a cristalização da devoção à Humanidade de Cristo, muito especialmente à dimensão da Paixão, cuja fortuna se poderá considerar amplificada na moldura da Época Moderna²⁶.

Fr. José de Jesus Maria conta-nos, no seu *Espelho de penitentes, e chronica das vidas dos sanctos, em que se manifestam as vidas de muitos varões de abalisadas virtudes, e outros que pelas verdades da fé catholica sacrificaram as vidas: aonde se mostram as fundações de algumas províncias, que floreceram em sanctidade por seu auctor Fr. Francisco de Monforte, religioso menor* (1754), que Fr. António das Chagas, religioso franciscano no convento de Santa Catarina de Ribamar, «todos os dias à noite recolhido na sua cella contemplava na Paixão de Christo; e conhecendo a má correspondência, que tinha aos extremos do amor, com que por elle derramara tanto sangue, dava gritos, accusando-se de ingrato, e vil, derramando copiosas lagrimas, que servião de grande edificação aos Religiosos, que o escutavam. Acabado este exercício, examinava a consciência, e se achava ter cometido algum defeito, ou cahido em alguma impaciência, se arguia, e castigava, dizendo a si próprio: “Vós asno não quereis ter paciencia, hoje vos agastastes tantas vezes, e já que protestais a emenda, e a não tendes, levareis esta bofetada para que vos lembre»²⁷.

²⁴ SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*, Vol. I, p. 1146.

²⁵ SOUSA, Fr. Luís de – *História de S. Domingos*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Vol. II. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1977, p. 34.

²⁶ CARVALHO, José Adriano de Freitas – “Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630)”. In *Homenaje a Elías Serra Ráfols, II*. La Laguna: Universidad de La Laguna, 1970, pp. 47-70.

²⁷ JESUS MARIA, Fr. José de – *Espelho de penitentes, e chronica das vidas dos sanctos, em que se manifestam as vidas de muitos varões de abalisadas virtudes, e outros que pelas verdades da fé catholica sacrificaram as vidas: aonde se mostram as fundações de algumas províncias, que floreceram em sanctidade por seu auctor Fr. Francisco de Monforte, religioso menor*. Lisboa: na Officina do doutor Manuel Alvares Solano, 1754, p. 221.

Por sua vez, escreve D. António Caetano de Sousa, no tomo IV do *Agiologio Lusitano*, que soror Maria dos Anjos (†1693), religiosa no mosteiro de Santa Ana de Lisboa, «sempre estava na cela fechada em oração mental, e na mesma cela corria a Via-Sacra, sabendo achar no seu cantinho caminhos dilatados em que imitasse a Cristo. Vivendo tão ocupada em amar ao seu Esposo, um dia lhe sucedeu falar-lhe uma imagem de Cristo crucificado, dizendo-lhe que não gastasse no descanso do corpo o tempo que lhe dera para o servir»²⁸.

A devoção mariana que, como é sabido, conheceu uma muito significativa revalorização nos tempos pós-Trento, que tenderam a realçar a sua importância enquanto paradigma de santidade feminina, a sua maternidade divina, escorada no mistério da Encarnação, a sua perpétua virgindade e o seu papel enquanto intercessora e pacificadora entre Deus e os homens, poderá também ser auscultada em algumas das fontes respigadas. Disso é exemplo uma passagem da obra *Espelho de Penitentes*, em que o seu autor destaca o caso de Fr. António das Chagas, religioso no convento de Santa Catarina de Ribamar: «Tinha na cella huma lamina, em que se via primorosamente pintada a verdadeira effigie da Mãe de Deos, a qual se venera hoje coberta de huma vidraça em hum dos Altares Collateraes do mesmo Convento de Santa Catharina com o titulo de Senhora da Salvação. Quando faleceo, a deixou muito recomendada, para que fosse tida em grande veneração, confessando ter della recebido para si peregrinos favores, e grandes benefícios para alguns devotos, que se valião das suas deprecações. Alguns dos favores se fizerão patentes aos Frades não com pouca admiração, ouvindo-o fallar na cella, e dar repostas a perguntas; e como não ouvião a voz de quem as fazia, julgavam ser Maria Santissima, que estava em amorosas praticas com este seu fiel servo. O seguinte caso os confirmou mais no conceito. Estava o Guardiãõ com a sua Communidade huma noite de Inverno na cozinha aproveitando-se do calor do fogo para reparo do muito frio, que fazia, e no mesmo tempo estava o servo de Deos recolhido na sua cella, porque já por causa de estar cego não seguia as Communidades. Passava hum Corista pelo Dormitorio, e ouviu que dentro na cella se articulavam vozes de mulher: estranhou a novidade, applicou mais os ouvidos para certificarse, e vendo que se não enganava, foy dar parte ao Guardiãõ. Com susto ouviu a noticia, entendendo seria alguma pessoa illustre, das que o costumavam visitar; e como o Convento se achava sem clausura rigorosa, por se andar fazendo de novo, se aproveitaria da liberdade para o visitar na cella. Veyo a examinar o caso em companhia do Corista, e alguns Frades, que o seguirão; abriu a cella, e lhe perguntou: “Quem estava alli com elle? Respondeolhe: “Está a Rainha

²⁸ D. António Caetano de Sousa – *Agiologio Lusitano dos Santos, & Varoens illustres em virtude do Reyno de Portugal, & suas conquistas*. Tomo IV. Lisboa: na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1744, p. 390.

dos Anjos. Segunda vez lhe perguntou: “E quem esteve até agora? A Rainha dos Anjos, lhe tornou em reposta. Fechou a cela e o deixou»²⁹.

É bem sabido como, em regra geral, as práticas espirituais dos religiosos eram acompanhadas por exercícios ascéticos e diversas penitências – não raras vezes praticadas de forma oculta –, penitências estas que sustentavam e garantiam a sua ortodoxia, especialmente numa época em que, em contexto ibérico, as desconfianças e receios relativamente a «estados místicos», em uma ambiência em que pairavam suspeitas de «falsa santidade», traziam a Inquisição e diversas autoridades eclesiásticas vigilantes³⁰.

Fr. Pedro Monteiro conta-nos, no seu *Claustro Dominicano* (1729), que na cela de Fr. João de Santo Tomás «não havia [...] mais que huma pobre livraria, & as paredes ornadas de seu sangue, pelas ásperas, & frequentes disciplinas, que tomava»³¹.

Sobre soror Inês de Jesus, religiosa conversa no convento da Anunciada, em Lisboa, conta-nos Francisco de Sousa da Silva Alcoforado Rebelo que «restituida ao cubículo para total descanso do corpo as tábuas da barra em que dormia, tendo por almofada uma pedra em que descansava a cabeça e para reparo do frio duas mantas. Passado algum tempo, mudou a dureza da pedra na de um madeiro tosco, porque padecia queixas na cabeça»³². De resto, esta religiosa «tanto desejava seguir a Cristo que, parecendo-lhe pouca imitação, o desabrido de uma pedra e o áspero de um madeiro em que reclinava cabeça, naquelas breves horas que dormia, usava de uma coroa de espinhos à raiz da carne e para que o martírio se assemelhasse mais ao de Cristo a punha na cabeça naquelas horas em eu podia causar-lhe maior tormento»³³.

Em algumas das fontes respigadas, a cela configura-se como um espaço em que ocorrem acontecimentos que se inscrevem no domínio do «maravilhoso», tais como visões e aparições. Tendo em conta a economia das narrativas, estas experiências são interpretadas pelos autores como uma espécie de prémios ou dádivas divinas, configurando-se, neste sentido, como uma espécie de retribuição pela excecionalidade que os biografados demonstraram no amor a Deus, na penitência, na oração, sobretudo mental. A título de exemplo, evoquemos esta passagem

²⁹ JESUS MARIA, Fr. José de – *Espelho de penitentes*, pp. 228-229.

³⁰ DIAS, José Sebastião da Silva – *Correntes de sentimento*, pp. 363-407; VAUCHEZ, André – “La nascita del sospetto”. In ZARRI, Gabriella (ed.) – *Finzione e santità tra medioevo ed età moderna*. Torino: Rosenberg e Sellier, 1991, pp. 39-51; TAVARES, Pedro Vilas Boas – “Caminhos e invenções de santidade feminina em Portugal nos séculos XVII e XVIII. (Alguns dados, problemas e sugestões)”. *Via Spiritus*, 3 (1996), pp. 163-215.

³¹ MONTEIRO, Fr. Pedro – *Claustro dominicano. Lanço primeyro*. Lisboa: na Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1729, p. 91.

³² REBELO, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado – *Vida de soror Ignez de Jesus, religiosa conversa no Convento da Anunciada desta cidade de Lisboa, insigne em virtudes*. Lisboa: por Mauricio Vicente de Almeida, 1731, p. 24.

³³ REBELO, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado – *Vida de soror Ignez de Jesus*, p. 28.

das *Memorias da vida e virtudes da serva de Deus Soror Maria Joana, religiosa do Convento do Santissimo Sacramento do Lourical* (1762): «Recolheu-se [soror Maria Joana] à cela: e alienados os sentidos pelo recolhimento e extase d'alma, lhe pareceu que estava diante de um majestoso trono, precioso no ouro e brilhante nas luzes: representou-se-lhe o Santíssimo Sacramento um uma riquíssima custódia, respeitado da adoração de muitos anjos. Mostrou-lhe o Senhor nesta visão que este favor era premio da pontualidade, com que obedecera, retirando-se do coro à cela, quando instava o preceito: assim passou quatro horas de adoração até que foi tempo de Prima»³⁴.

A cela poderá também assumir a funcionalidade de «oficina de labores» ou «de prendas de mão». A este propósito, narra Jorge Cardoso, no tomo II do *Agiologio Lusitano*, que D. Guiomar da Silva († c. 1570), religiosa cisterciense do mosteiro de Lorvão, «na cella era perseverante, donde não saia mais que para os actos da comunidade. Ali lhe levava a oração o restante do tempo e muita parte da noite, meditando com os joelhos em terra nos soberanos mistérios [...]. Contudo nas vacancias se exercitava na almofada em costura branca, que mandava vender fora, a fim de comprar em abundância azeite e cera para alumiar os gloriosos sepulcros das santas rainhas D. Teresa e D. Sancha, que resplandecem nesta casa com milagres, das quais era devotíssima»³⁵.

É bem sabido que as boticas monásticas e conventuais desempenharam, na moldura do progresso da ciência e da arte farmacêutica³⁶, um papel importante, assumindo uma dupla funcionalidade: deste modo, tentavam dar resposta às necessidades, de natureza fisiológica, não apenas da comunidade religiosa, como também dos leigos que viviam em regiões próximas. Neste sentido, Fr. João do Sacramento conta-nos, no tomo II da *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da Provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas Conquistas* (1721), que o Padre Fr. José Evangelista (†1637), religioso no convento de Nossa Senhora da Piedade, em Cascais, havia transformado a sua cela em uma espécie de botica e aí «pisava a pedra, lançava os pós em água benta, para antidoto dos que supunha inficionados do veneno da cólera, melancolia ou outra nociva paixão»³⁷.

A dimensão do «maravilhoso» configura também alguns episódios que têm a cela como palco. Apesar dos sopros de renovação que o género hagiográfico

³⁴ SOUSA, Fr. José Caetano de – *Memorias da vida e virtudes da serva de Deus Soror Maria Joana, religiosa do Convento do Santissimo Sacramento do Lourical*. Lisboa: na Oficina de Miguel Rodrigues, 1762, p. 203.

³⁵ CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano dos Santos, e Varoens illustres do Reyno de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa: por Henrique Valente de Oliveira, 1657, p. 404.

³⁶ PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor – “Botica, farmacopeia conventual e farmácia. A *Pharmacopea Lusitana* de D. Caetano de Santo António (1704)”. In MARQUES, Maria Alegria Fernandes (coord.) – *Mosteiro e Saúde. Cerca, botica e enfermaria. 3º Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*. São Cristóvão de Lafões: Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2008, pp. 95-107.

³⁷ SACRAMENTO, Fr. João do – *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da Provincia de S. Filippe do Reyno de Portugal, & suas Conquistas*. Tomo II. Lisboa: na Oficina Ferreiriana, 1721, p. 593.

foi recebendo, desde o século XVI, direcionados no sentido de uma investigação rigorosa das fontes, de molde a conferir aos relatos uma maior historicidade – lembremos, a título de exemplo, as críticas a muitos dos relatos divulgados pela *Legenda Aurea*, feitas sobretudo por Lutero e pelos reformados –, e de que é claro exemplo o contributo dado, posteriormente, pelos bolandistas³⁸ e pelos beneditinos de Saint-Maur – sem esquecer, naturalmente, os contributos de Georg Witzel, Luigi Lippomano³⁹, Lourenço Surius⁴⁰ e Heribert Rosweyde –, a maior parte dos hagiógrafos não descurava elementos que se inscreviam na moldura do «maravilhoso», porque sabiam ir ao encontro do gosto e do entretenimento dos leitores. Assim o faz Jorge Cardoso que, no tomo II do seu *Agiologio Lusitano*, narra que soror Leonor Ferraz (†1586), beneditina do mosteiro de S. Bento do Porto «se retirou a uma cela, separada das outras, da qual nunca saiu mais que para o coro e refeitório, observando inviolável silêncio e perpétua oração, na qual o Divino Esposo lhe assistia com soberanos favores. Conta-se que meditando certo dia na Paixão do Redentor, lhe pediu (banhada em lágrimas) fosse servido revelar-lhe que oração lhe era mais aceita. Neste comenos entrou pela janela da cela um resplendor à maneira de raio, e nele um papel em que vinham de letras de ouro as sete palavras que o Senhor disse na cruz, antes de entregar o espírito nas mãos de seu Eterno Padre, com que a devota religiosa ficou assaz consolada e satisfeita. Na última doença, estando já muito fraca, por causa do fastio, que a não largava, desejou lombo de vaca, mas como não era tempo, por ser Quaresma, a proveu o Senhor milagrosamente, entrando na cela um gato com uma talhada na boca, de que reforçou sua fraqueza»⁴¹.

3. Na moldura religiosa e espiritual da Época Moderna, a cela, pese embora o facto de se configurar como um espaço privilegiado para o recolhimento e a clausura, assume uma centralidade inegável, na medida em que os religiosos aí encontram a «liberdade» desejada para seguirem o seu ideal de vida espiritual, sustentado, na maior parte dos casos, no exercício – não raras vezes obsessivo... – da oração, de virtudes heroicas – especialmente da pobreza – e de práticas ascéticas e mortificatórias que muitas vezes escapam ao olhar «inquisitivo» dos

³⁸ GORDINI, Gian Domenico – “L’opera dei bollandisti e la loro metodologia”. In *Santità e agiografia*. Genova: Casa Editrice Marietti, 1991, pp. 49-73.

³⁹ GAJANO, Sofia Boesch – “La raccolta di vite di santi di Luigi Lippomano. Storia, struttura, finalità di una costruzione agiografica”. In GAJANO, Sofia Boesch (ed.) – *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni*. Fasano di Brindisi: Schena Editore, 1990, pp. 111-130.

⁴⁰ MARTINELLI, Serena Spanò – “Cultura umanistica, polemica antiprotestante, erudizione sacra nel *De probatis Sanctorum historiis* de Lorenzo Surio”. In GAJANO, Sofia Boesch (ed.) – *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni*. Fasano de Brindisi: Schena Editore, 1990, pp. 445-464.

⁴¹ CARDOSO, Jorge – *Agiologio Lusitano*, tomo II, p. 194.

seus companheiros e das autoridades eclesiásticas. Deste modo, o estudo destas múltiplas dimensões permite-nos interrogar e debater várias e diversas práticas e identidades sempre suscetíveis de renovadas releituras, declinando uma prova inegável do dinamismo que enforma as várias dimensões da espiritualidade. Embora este estudo possa iluminar alguns caminhos de investigação em torno desta problemática, esta permanece ainda bastante «opaca» e, nesse sentido, urge proceder a uma análise comparatista de fontes de natureza diversa – desde «Vidas» de santos, «Vidas» devotas e crónicas religiosas até outra documentação de carácter mais «arquivístico» e institucional –, de molde a reconstruir e a tornar mais compreensível esta moldura religiosa e cultural.

“The search for the wilderness as a space and possibility of a more radical religious experience accompanies and marks the development of Western culture, with multiple declinations, from voluntary seclusion or eremitical life to solitary life in more communitarian forms. The search for solitude and eremitism remained and marked the main moments of crisis and renewal in the Western world throughout the Middle Ages and the Early Modernity. All these experiences influenced and accompanied both the development of the city and the peri-urban landscape, with a particular importance in the transformation of territorially more isolated or peripheral areas. At the same time, the seek for solitude and seclusion, either through monastic or hermitic experiences, also flourished in other cultures and religious traditions, from Buddhism to Islam, giving interesting perspectives on the understanding of such religious phenomena in larger terms”.

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

dinamia
'cet _ iscte



CHAIA
CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA

Apoio:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

